VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

O COTIDIANO DA PROVÍNCIA DA PARAHYBA ATRAVÉS DO OLHAR DE DANIEL KIDDER (1839)

Jerlyane Dayse Monteiro dos Santos*

> Na segunda feira, primeiro de Junho, depois de termos embarcado a bagagem por intermédio do consulado e despedido de nossa boa companheira, que deveria permanecer no Rio de Janeiro cuidando de um casal de filhos, fomos acompanhados até o vapor pelo Sr. Spaulding. [...] Ao sinal combinado, partimos do Largo do Poço em um escaler e logo alcançamos o navio. Depois que o deixaram os funcionários portuários e as pessoas que tinham ido a bordo acompanhar amigos ou parentes, passamos, ao pôr-do-sol, sob as baterias do forte de Santa Cruz e rumamos para o Atlântico, ao arrepio de forte brisa marinha [...]
>
> (KIDDER, 1980, p. 18).

A partir da epígrafe acima, percebemos como o Sr. Kidder, despediu-se de seus familiares e amigos e deu início a sua viagem. A bordo do vapor *São Sebastião*, no ano de 1839, Kidder partiu em direção as províncias do Norte do Brasil, entre elas, a província da Parahyba do Norte, que é o objeto central deste trabalho. Nesse sentido, pretendemos artigo analisar como a província da Parahyba foi vista e descrita através do olhar de um viajante.

---

* Mestranda do PPGH/UFPB vinculada a linha de História Regional, orientanda da Profª Drª Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano. Integrante do Grupo de Pesquisa "Sociedade e Cultura no Nordeste Oitocentista".

ISBN: 978-85-98711-10-2

Daniel P. Kidder nasceu em Nova York, nos Estados Unidos. Ainda jovem converteu-se a religião metodista e embarcou com a família para o Brasil com a missão de difundir a leitura da Bíblia, pela Sociedade Bíblica América. Viveu muitos anos no Rio de Janeiro, e em 1839, aproveitou a fundação da frota a vapor da companhia inglesa, *Brasilian Steam Packet Company*, que tinha como principal função "fazer o transporte regular de malas postais, passageiros, e, ocasionalmente, de abastecimentos e material de guerra entre os diferentes pontos" (KIDDER, 1980, p. 17) [1], para difundir a leitura da Bíblia até províncias mais distantes do Império.

Este artigo tem como principal fonte o relato do viajante Daniel Kidder, pois esta modalidade vem se tornando um fértil campo de pesquisa para os historiadores da cultura. A partir da década de 1970, com a *Nova História* e seus desdobramentos dentro da *História Cultural*, novas fontes e novos objetos passaram a ser abordados, emergindo inúmeras possibilidades de pesquisa. Diante deste novo cenário, cartas, diários íntimos e memorias vêm, pouco a pouco, alcançando novos espaços na área de pesquisa da história do Brasil. Tendo em vista que, os estudos nessa área de pesquisa se constituem muito mais no campo da literatura e de história da educação. Os estudos relacionados a esse tipo de fonte convencionou-se chamar de produção de si ou escrita de si (GOMES, 2004).

Ângela de Castro (2004) assevera que, as práticas de produção de si podem ser divididas em: escritas de si propriamente dita (autobiografias e diários) ou a constituição de uma memória de si, realizada pelo recolhimento de objetos materiais, como ou sem a intenção de resultar em coleções. Um ponto interessante da escrita de si é com relação a subjetividade do autor, pois esta modalidade de escrita não pode ser considerado um relado da verdade, mas uma perspectiva dela, o que passa a importar para historiador é o olhar assumido pelo registro e como seu autor o expressou, ou seja sua representação.[2] "Isto é, o documento não trata de 'dizer o que houve', mas de dizer

---

[1] A primeira edição das memórias de Daniel Kidder foi publicada em 1845, a edição em analise foi publicada em 1980, com o título Reminiscências de Viagens e Permanências nas Províncias do Norte do Brasil.

[2] A partir da *História Cultural* o real assume um novo significado, aquilo que é real, efetivamente, não é (ou não apenas) a realidade visada pelo texto (descrita no texto), mas a própria maneira como ele a cria, na historicidade da sua produção e na intencionalidade da sua escrita (as interferências que o historiador sobre a partir do seu lugar social, e o objetivo que almeja alcançar a partir da sua escrita) (CHARTIER, 1988, p. 63).

ISBN: 978-85-98711-10-2

o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento" (GOMES, 2004, p. 15).

A crítica documental é um procedimento comum a todo pesquisador, tendo em vista que nenhum registro do passado é neutro ou imparcial. Destacamos também que ao analisar as fontes buscamos perceber a construção discursiva, levando em consideração que o lugar social do individuo interfere na produção do discurso. Foucault afirma que, para a análise o que interessa é que alguém disse alguma coisa em um determinado momento (BARBOSA, 2004). Dessa forma buscamos analisar o que o Reverendo Daniel Kidder escreveu a respeito da Parahyba do Norte, na ocasião em que passou pela província, em 1839, fim do período regencial, um momento de instabilidade política e contestações sociais.

Neste artigo, chamamos atenção do leitor para as singularidades que perpassam o discurso de Daniel Kidder, pois este era um viajante norte-americano, pastor da igreja metodista, e estava no Brasil com a missão de divulgar a leitura da Bíblia, pela Sociedade Bíblica Americana. Estas prerrogativas transpassam diretamente sua forma de ver, sentir e narrar sobre a sociedade, a cultura e os costumes dos lugares por onde passou.

Ao sair do Rio de Janeiro, a bordo do vapor *São Sebastião*, sua primeira parada foi na província da Bahia. Além da província da Bahia o reverendo Kidder passou pela província de Sergipe, pelo porto de Maceió de onde partiu em direção a província de Pernambuco, de jangada seguiu até a Ilha de Itamaracá. Depois seguiu viagem até a província da Parahyba do Norte, aonde chegou a Agosto de 1839. É na sua passagem pela Cidade da Parahyba que pretendemos nos ater neste artigo.

Em janeiro do mesmo ano, o presidente da província Dr. João José de Moura Magalhaens[3], na sua fala de abertura da Assembleia Provincial,[4] apresentou um relatório com os principais assuntos da administração da província, inclusive abordou alguns temas do cotidiano e das práticas sociais da província que também haviam chamado a

[3] Magalhaens, João José de Moura. Relatórios dos Presidentes de Província (1839). Disponível em: http://www.crl.edu/brazil/provincial/para%C3%ADba, Acesso em: Junho de 2012.

[4] A Assembleia Legislativa Provincial da Parahyba foi criada em 1835, após a promulgação do Ato Institucional de 1834, que determinou a criação das Assembleias Provinciais.

ISBN: 978-85-98711-10-2

atenção de Daniel Kidder. Dessa forma, buscamos a partir da História Cultural, analisar os aspectos relacionados ao cotidiano e a cultura política[5] da cidade da Parahyba do Norte durante o ano de 1839, para tal feito, propomos relacionar as memórias do viajante Kidder com o relatório do Presidente de Província, Dr. João José de Moura Magalhaens.

No entanto, novamente chamamos a atenção do leitor para o lugar de produção do discurso. O relatório apresentado pelo presidente de província é um discurso institucionalizado, é um documento oficial e tem a intenção de informar aos deputados provinciais[6], o que estava acontecendo na província naquele momento, colocando-os a par das principais debates a cerca da administração provincial. Destacamos ainda que, o cargo de presidente de província, era uma função na qual cabia ao poder central nomear. Um cargo que tem como especificidade a frequente troca de presidentes de província, inclusive era bastante comum que os vice-presidentes assumissem interinamente a presidência. Interessante observarmos que o relatório não é só prerrogativa do presidente da província, primeiro porque as informações eram recolhidas pelo prefeito da Comarca da Capital, subprefeitos, entre outros cargos da administração provincial. Segundo, o relatório é parte integrante do discurso produzido pelo poder central, tanto que os relatórios das demais províncias seguem o mesmo modelo, abordando em geral temas similares, apresentavam uma versão oficial dos fatos. Buscando através da uniformização do discurso construir um efeito de verdade.[7]

[5] A cultura política permite uma abordagem culturalista dos fenômenos relacionados às disputas pelo poder (MOTTA, 2009). Para tanto, compreende-se a Cultura Política como o conjunto de valores, comportamentos e formas de organização político-administrativa, mais ou menos largamente partilhada pelos membros de uma determinada unidade social e tendo como objeto fenômenos políticos (SANI, 1999; MARTINS, 2007); haja vista que o político não é apenas uma instância do real, é também o lugar da representação simbólica.

[6] Entre os deputados na segunda Sessão da segunda Legislatura estavam, Francisco Xavier Monteiro da Franca, Feliciano José Henriques Junior, José Lucas de Souza Rangel, Manoel Francisco de Oliveira e Mello, Dr. Antonio José Henriques, Pe. José dos Santos Coelho de Silva, Henrique da Silva Ferreira Rabello, Dr. Baldoino José Meira, Dr. Antonio Thomaz de Lima Freire, Pe. Francisco Antonio Veiga Cabral, José Luiz Lopes Bastos, Joaquim Baptista Avondano, Joaquim Manoel Carneiro da Cunha, entre outros.

[7] Bebendo na Nova História, Foucault amplia o aporte teórico-metodológico ao analisar que o documento oficial não é uma versão unívoca dos fatos, que este documento também é passível a críticas, a partir desse entendimento outras fontes não oficiais, como os relatos de viagem se tornaram importantes fontes históricas passiveis a analises e contextualizações (FOUCAULT, 1972).

ISBN: 978-85-98711-10-2

Retornado ao relato, acompanhamos as memórias do viajante pela província da Parahyba, desde sua chegada pela praia de Tambaiú,[8] até sua partida pela estrada que leva a Pernambuco. Daniel Kidder narra que ao chegar à Parahyba iniciou um dialogo com um rapaz de quatorze ou dezesseis anos, morador da Vila de Tambaiú, localizada a seis milhas da Cidade da Parahyba. Ao conversar com o rapaz Kidder descobriu que o jovem apesar de frequentar a escola, que ficava na capital, não sabia nem ler, nem escrever. Acerca disso, Kidder afirma,

> Não duvidamos da veracidade desta última afirmativa, conquanto nos penalizasse essa incompreensível indiferença pela instrução que o governo ministra aos seus súditos, ricos e pobres, através de uma política liberal, um tanto errada (1980, p. 130).

Esta crítica não é exclusiva da província da Parahyba, mas é um problema que assola a todas as províncias do império.

Em Janeiro do mesmo ano, o presidente da província, Dr. Magalhaens, afirmava estar ciente que a instrução era ainda "bastante defeituosa", o que segundo ele, era devido não só a irregularidade do método de ensino, mas a falta de professores hábeis para todas as escolas. Durante o século XIX a instrução ou educação escolar se torna um ponto chave para o que se entendia por processo civilizatório, tanto que Tavares Bastos[9] afirma que, a civilização está ligada a instrução, e acrescentava, "estamos de tal sorte convencidos de que não há salvação para o Brasil fora da instrução derramada na maior escala e com maior vigor" (1997 [1870], p. 251). Bastos afirmava que "a indiferença pela instrução é um dos sinais da escravidão" (1997, p. 254), chamando atenção que nos países onde existe trabalho forçado os cidadãos livres são mais ignorantes.

Chamamos atenção para a data de criação do Liceu Paraibano, pois este havia sido criado em 1836, na Capital da Província, a respeito desta instituição o presidente da província, Dr. Magalhaens afirma que, por ser uma instituição nova, "não pode ainda produzir os desejados fins, e mesmo o plano de estudos deve ser mais extenso, e mais apropriado as necessidades, e circunstancias" (1839, p. 6).

---

[8] Atual praia de Tambaú.

[9] Vale ressaltar que o Tavares Bastos é um homem do século XIX, e sua obra *A Província* (1870) foi produzida três décadas após o fim do Período Regencial.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Em seus relatos Kidder descreve que ao partir em direção a capital da província não havia na Vila de Tambaú nenhum animal que transportasse a bagagem até a capital da província, para onde seguiria a viagem. Deste modo, os negros forros moradores de Itamaracá que conduziram a jangada da Ilha até a praia de Tambaú se dispuseram a levar a bagagem a capital da província. Em seu relato Kidder chama atenção para as condições da estrada real que ligava a Vila a Capital da Provincial, alertando sobre a existência de vários cursos de água que cortavam a estrada. Sobre este assunto o presidente de província, em sua fala, chamava atenção dos deputados provinciais para a falta de estradas, e afirmava haver a "necessidade urgentíssima" de construir estradas, "as quais são para os produtos da indústria o mesmo, que o sangue para as artérias do corpo humano", segundo o relatório do presidente Magalhaens (1839, p. 22). Ao chamar a atenção dos deputados paraibanos para a importância de construir e manter a qualidade das estradas que cortam a província, o Dr. Magalhaens lança mão de um exemplo importante. Ele afirma que, "os Estados Unidos dão um exemplo do augmento extraordinário de riquezas a par de inúmeras vias de comunicação, pelas quaes se pode sem erro avaliar a civilização, e prosperidade d'um Paiz" (1839, p. 22). O exemplo utilizado pelo presidente da província ajuda-nos a que compreender os motivos que levaram Kidder a ter um olhar mais rigoroso com relação a má qualidade das estradas.

Nascido nos Estados Unidos, o Reverendo, possuía um arcabouço sócio-cultural diferente dos praticados no Brasil, a partir do exemplo citado pelo Dr. Magalhaens percebemos que nos Estados Unidos as estradas eram consideradas de extrema importância para a produção econômica, e estava diretamente relacionado ao processo civilizatório e a prosperidade da sociedade. Destacamos ainda que no Brasil, principalmente na primeira metade do século XIX, existiam inúmeras diversidades culturais entre as próprias províncias, pois não havia homogeneidade social, nem cultural. (BASTOS, 1997).

Ao chegar à Capital da província o reverendo Kidder hospedou-se no sítio do Sr. R., inglês residente na Parahyba. Em suas memorias, Kidder relata a conversa que teve com um cavalheiro, amigo do Sr. R., este lhe informou que uma remessa de Bíblias, vinda da Inglaterra a Pernambuco, havia circulado na Província, mas que não havia causado grande interesse na população. A conclusão a que chegaram ao fim da

ISBN: 978-85-98711-10-2

conversa é que talvez não houvesse para a população aparente ligação entre a religião católica, predominante, e a Bíblia.

O Reverendo Kidder narra em suas memorias que foi convidado a noite para conhecer a festa da padroeira da cidade, Nossa Senhora das Neves. Segundo as suas memorias a festa em nada lhe agradou, pelo contrário lhe deixou péssimas impressões da sociedade paraibana. Ao descrever os festejos, a ornamentação da igreja, a queima de fogos, tudo lhe parecia bastante simplório, contudo, voltamos a chamar atenção para um ponto fundamental, Daniel Kidder é professante da igreja metodista, e os festejos na Capital da Província eram vinculados à igreja católica. Em suas memórias Kidder descreve inclusive a má impressão que teve das famílias da cidade e dos padres que se deixavam encantar pela queima de fogos, a respeito destacamos um trecho bastante elucidativo.

> Terminada a novela, todo o povo acorria ao campo, apreciar os fogos de artifício que se queimavam desde as nove horas até depois de meia-noite. Os que tivemos ocasião de ver eram muito mal feitos. Não obstante, o povo se pasmava e aplaudia freneticamente. Se se tratasse de divertimento para africanos ignorantes, seriam mais compreensíveis essas funções, mas, como parte de festejos religiosos (em homenagem a Nossa Senhora Padroeira), celebrados em dia santificado e com a presença entusiástica de padres, monges e do povo, temos que confessar francamente que nos chocou bastante e teria sido melhor que não tivéssemos presenciado. (KIDDER, 1980, p. 133).

Com relação às criticas elaborados por Kidder, chamo atenção que a Capital da província da Parahyba era pequena e ainda possuía fortes características rurais, como o próprio Kidder revela através dos seus relatos ao descrever a casa do Sr. R. como sendo, “rus in urbe”, uma chácara na cidade. Característica de um centro urbano pouco desenvolvido.

Na tentativa conhecer, ainda que, superficialmente na sociedade paraibana deparamo-nos com alguns dados, segundo o relatório do presidente de província o número de fogos (casas) era 2.092, enquanto que o número de habitantes correspondia ao total de 9.060. Estes números correspondem à freguesia da Cidade da Parahyba e grande parte da população estava dividida entre a Cidade Alta e a Cidade Baixa. Através das memórias de Kidder, percebemos que as construções da Cidade da Parahyba não diferiam muito ao estilo comum as construções brasileiras, inclusive ele

ISBN: 978-85-98711-10-2

destaca que havia uma inscrição no prédio da cadeia da cidade indicando que o edifício havia sido construído a mais de cem anos. Segundo os relatos a construção mais recente havia sido o prédio do Tesouro, Kidder revela ainda que diversos edifícios estavam em construção na cidade baixa. Sobre esta parte da cidade Kidder afirma que os alugueis eram elevados e o preço das propriedades estava em franca ascensão.

A forma como Kidder percebeu, e descreveu as mudanças pelas quais passava a Capital da Província, correspondem às transformações que são descritas através dos documentos oficiais, como os Códigos de Postura que começavam a esboçar uma preocupação com o espaço publico citadino, através do arruamento urbano e o alinhamento das ruas, que passaram a ser objeto da atuação das políticas publicas elaboradas por vereadores e deputados provinciais.

Em seus relatos Kidder mostra-se um "homem culto" preocupado em relatar não só as impressões pessoais do que presenciou, mas em descrever e relacionar a produção e economia aos hábitos e costumes locais. A este respeito Kidder apresentou breves considerações sobre a produção do açúcar e do algodão, principais artigos de exportação da província. Sobre a cana de açúcar o viajante descreve que não são plantados muito no interior para evitar os gastos com transporte, tendo em vista que as estradas são escassas e quando existem são de má qualidade. Sobre a produção agrícola o relatório do presidente de província afirma que a melhora na qualidade das estradas, principalmente as que se dirigem a Pernambuco são imprescindível, pois facilitando o transporte diminuiria das despesas com a produção, o que levaria ao aumento das rendas publicas, e particulares.

Preocupado em relacionar a produção econômica aos "vícios" da população, Kidder descreve dois produtos extraídos da cana de açúcar, a rapadura e a cachaça. Debruçando-se sobre a cachaça o Reverendo afirma que tanto a produção como o consumo estava em franca expansão. A este respeito Kidder descreve que o consumo da cachaça é parte integrante do conjunto cultural da sociedade brasileira,

> Essa bebida encontra-se na maior parte das casas suburbanas bem como nas estradas por onde viajamos. Tivemos ocasião de ver muitos sertanejos e mulatos completamente embriagados. Em tal estado é indesejável a companhia dessa gente que jamais se separa de sua faca de ponta. (KIDDER, 1997, p. 137).

ISBN: 978-85-98711-10-2

Esta citação apresenta dois pontos que devem ser problematizados. Primeiro, que o consumo da cachaça e outras bebidas alcoólicas faziam parte do cotidiano das províncias, dos hábitos culturais nos mais diversos níveis sociais, e não apenas nas casas suburbanas, como afirma o Reverendo, inclusive o relato do consumo excessivo do álcool perpassa toda a narrativa de suas memórias. Segundo, a observação de que o povo "suburbano" anda sempre acompanhado de uma faca de ponta, a este respeito percebermos uma denúncia com relação ao número de crimes cometidos por motivos considerados inglórios, e por vezes banais. Crimes esses os quais Kidder foi informado e tratou de descrever em suas memórias, dentre eles dois chamam bastante atenção pela causa fútil: um deles foi o devedor que "matou para se livrar de uma dívida de dezesseis mil réis", o outro que, "em plena luz do dia, no meio da vila e defronte à igreja, varou com o punhal o coração de um suposto inimigo" (KIDDER, 1980, p. 134). Ambos com relatos de impunidade aos agressores.

Com relação à violência na província da Parahyba, o relatório apresentado pelo Dr. Magalhaens avalia que a província esta em paz, pois as revoltas que durante este período estavam ocorrendo em outras províncias, como o Rio Grande do Sul e o Pará, não chegaram a Parahyba, no entanto, o discurso alerta aos deputados a frequente ocorrência de crimes contra a segurança, pondo em "desassossego os pacíficos habitantes" desta província.

Como podemos perceber Kidder descreve a sociedade, dos lugares em que passou no Brasil, em seus detalhes em suas práticas sociais e culturais. Mas não podemos perder de vista que a produção de seu discurso está impregnada de posicionamento ideológico, podemos perceber a cada comentário à fala de um homem religioso, que vê o mundo a partir do seu *lugar social*, nesse caso as suas memórias deixam transparecer o discurso de um homem estrangeiro, que muitas vezes estabelece parâmetros de comparação entre os aspectos culturais dos Estados Unidos e do Brasil, olhando para as províncias do Norte com a perspectiva de um mundo não civilizado.

Ao analisarmos os relatos de viagem de Daniel Kidder percebemos que, o olhar estrangeiro sobre o cotidiano, as festividades, enfim, sobre as práticas culturais cotidianas como um todo, é um olhar que muitas vezes revela a negação da cultura do outro, claro que reconhecemos o *lugar social* de produção do discurso do reverendo.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Por não se reconhecer a alteridade, Kidder descreve o cotidiano e o observa, a partir do seu referencial pessoal. Pois, "a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas" (BENEDICT, apud LARAIA, 2001, p. 67). Assim, percebemos através dos relatos de Kidder os vários discursos de perpassam a sua forma de ver e sentir as experiências as quais vivenciou, ao passar pela província da Parahyba, mas que ao mesmo tempo compõem sua própria bagagem cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

CÓDIGOS DE POSTURAS. Arquivo Waldemar Bispo Duarte (manuscritos). Caixa 10.

MACHADO, Maximiliano Lopes (dir.). Almanak: Administrativo, Mercantil e Industrial do Estado da Parahyba. Imprensa Official/ Parahyba do Norte:1907.

MAGALHAENS, João José de Moura. *Relatórios dos Presidentes de Província* (1839). Disponível em: http://www.crl.edu/brazil/provincial/para%C3%ADba. Acesso em: Junho de 2012.

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Pedro Luis Navarro. O acontecimento discursivo e a construção da identidade na história. In: SARGENTINI, Vanice; BARBOSA, Pedro Navarro (org.). *Foucault e os domínios da linguagem*: discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004.

BASTOS, Aureliano Cândido de Tavares. *A Província*. Edição Fac-símile, 1870. Brasília: Senado Federal, 1996.

BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In. SIRINELLI, Jean-Françoise; RIOUX, Jean-Pierre (org.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural*: entre práticas e representações. Rio de Janeiro**:** Bertrand Brasil, 1990.

FERNANDES, João Azevedo. "O Olhar Interno: as viagens de Antonio Moniz de Souza e a civilização do interior" In: CURY, Cláudia Engler e ROCHA, Solange Pereira da (orgs.). **Culturas e Sociabilidades no Oitocentos:** possibilidades de pesquisa. João Pessoa: UFPB, 2011, p.141-148.

ISBN: 978-85-98711-10-2

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes, 1972.

GOMES, Angela de Castro. A Escrita de si, Escrita da História: a título de prólogo. GOMES, Angela de Castro (org.). *A Escrita de si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de Viagens e Permanências nas Províncias do Norte do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Universitária de São Paulo, 1980.

LARAIA, Roque de Barros. *CULTURA*: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

MARTINS, Maria Fernanda. "Os tempos de Mudança: elites, poder e redes familiares, séculos XVIII e XIX". In. FRAGOSO, João Luis R.; ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de; SAMPAIO, Antônio Carlos Jucá de (org.). *Conquistadores e Negociantes*: história de elites no Antigo Regime nos trópicos. América Lusa, séculos XVI a XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileria, 2007.

MOTTA, Rodrigo Patto de Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In. MOTTA, Rodrigo Patto de Sá (org.). *Culturas políticas na história: novos estudos*. Belo Horizonte (MG): Argvmentvm, 2009.

SANI, Giacomo. Cultura Política. In: BOBBIO, Norberto (org.*) Dicionário de Cultura Política.* 5 ed. Brasília: UnB, 2000, p. 306-308.